

pre[♀]ssé[♂]-book 2º nível



ESPECIAIS ?!

*Educação Sexual Para Escolas
Com Inclusão de Alunos(as)
Incríveis e Singulares*



preŝŝe-book - 2º nível

ESPECIAIS ?!

Educação Sexual Para Escolas Com Inclusão de Alunos(as) Incríveis e Singulares

PROGRAMA REGIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL EM SAÚDE ESCOLAR

FICHA TÉCNICA

Autoria

Equipa de Produção e Gestão do PRESSE:
Maria da Paz Amorim Luís
Susana Carvalho de Sousa

Direção de arte, design e ilustração

Cláudia Gaminha | industriacriativa.pt/gaminha
Ricardo Xavier | industriacriativa.pt/xavier

Edição

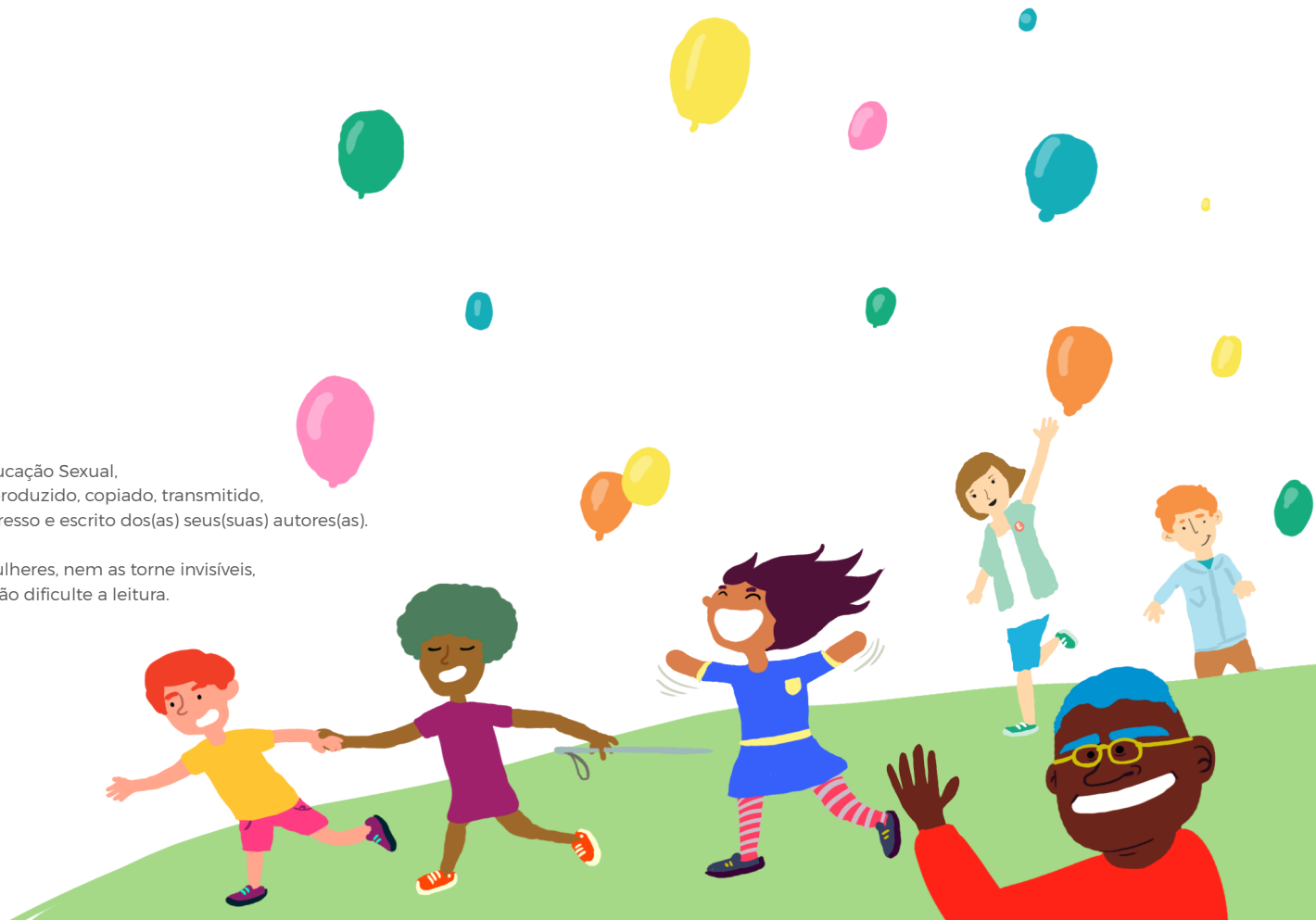
ARS Norte, I.P.
Departamento de Saúde Pública
Área Funcional de Promoção e Proteção da Saúde

Proteção de conteúdos

Todos os conteúdos deste documento são propriedade exclusiva do PRESSE – Educação Sexual, assim como dos(as) seus(suas) parceiros(as). Este material não pode ser usado, reproduzido, copiado, transmitido, transformado ou comercializado, no todo ou em parte, sem o consentimento expresso e escrito dos(as) seus(suas) autores(as).

Na elaboração deste material, procurou-se que a linguagem não discrimine as mulheres, nem as torne invisíveis, ao mesmo tempo que se procurou que o uso repetido de “/ o”, “/ a”, “os e as” etc., não dificulte a leitura.

www.presse.com.pt
presse@presse.com.pt





Agradecimentos

Agradecemos aos(às) profissionais de Saúde e de Educação que ao longo da história deste programa, têm contribuído para a sua missão e para o seu sucesso, conquistando o seu reconhecimento como um exemplo internacional de Excelência e Inovação em Educação Sexual.

O presse-book 2º Nível «ESPECIAIS?! Educação Sexual Para Escolas Com Inclusão de Alunos Incríveis e Singulares» é um material de apoio à educação integral da sexualidade e diversidade funcional e representa um compromisso do PRESSE para com os alunos com diversidade funcional e suas famílias em garantir o seu direito de receber educação sexual integral na escola. Este presse-book representa também uma das respostas assumidas pela equipa que produz o PRESSE para fazer face a uma necessidade identificada pelas equipas de intervenção local.

Desta vez, implica dar um passo em frente para a inclusão educativa e para a promoção de um projeto de vida independente. Uma matéria que mereceu formação e materiais próprios.

Agradecemos desde já o empenho de todos(as) neste novo desafio.

Maria da Paz Amorim Luís
Susana Carvalho de Sousa



Apresentação

1. CLARIFICAR

- A Sexualidade na experiência biográfica
- Mitos, factos e temores
- Superproteção, evasão e silêncio
- Direitos sexuais universais

2. COMPREENDER

- Sexualidade e diversidade funcional

3. EDUCAR

- Educação integral e inclusiva da sexualidade
- Objetivos pedagógicos
- Estratégias didáticas
- Itinerário de aprendizagem

4. PROCEDER

- Princípios gerais de atuação
- Recomendações específicas

5. PREVENIR

- O abuso sexual
- O uso indevido da internet
- A gravidez indesejada e as IST

Conclusão

Bibliografia



The background is a solid light red color. It features several decorative elements: a large semi-transparent circle in the upper center, a heart shape in the upper left, a star in the upper left, a triangle on the left side, a male symbol in the upper right, a vertical bar in the lower center, a small circle in the lower right, and a large ring-like shape in the lower right. At the bottom, there is a horizontal bar with five colored segments: light pink, yellow, teal, dark teal, and light green.

APRESENTAÇÃO

Apresentação

A sexualidade é uma dimensão central do ser humano e a educação integral da sexualidade é essencial à construção de um projeto de vida, devendo estar ao alcance de todas as crianças e adolescentes. Trata-se de uma responsabilidade que começa na família e é partilhada com diversos agentes educativos, sobretudo com a escola. Atualmente, os média e as redes sociais exercem uma enorme influência junto das crianças e jovens, incluindo na comunicação sobre sexualidade e, por isso, também integram essa responsabilidade partilhada.

Cada aluno(a) é incrível e singular, tem uma identidade única, interesses e desejos próprios e capacidades a educar, para que aprenda a ser o(a) protagonista da sua sexualidade, na sua experiência biográfica. Os temas que geram dúvidas e incertezas a crianças e adolescentes com diversidade funcional, às suas família se aos(às) profissionais com quem interagem, são quase sempre, os mesmos que inquietam aqueles(as) que não convivem com a diversidade funcional.

Por isso, este material começa por abordar as questões fundamentais da sexualidade e da educação sexual antes das questões específicas do desenvolvimento pessoal e social, que preocupam especialmente crianças e adolescentes com diversidade funcional e as suas famílias.

O presse-book «ESPECIAIS?!» pretende fomentar o reconhecimento da presença da sexualidade em todos os processos e relações vitais e conscientizar sobre a importância de educar e cuidar da sexualidade como um valor educativo e inclusivo. Representa um impulso ao empoderamento, autonomia e planeamento da vida, bem como para a prevenção de situações de abuso e violência sexual.

Este presse-book enquadra-se na medida PRESSE 2º nível, surge como complemento à formação PRESSE sobre sexualidade e diversidade funcional e visa apoiar os(as) profissionais das Equipas de Saúde Escolar na abordagem do tema a nível local, através de ações PRESSE que possam envolver pessoal docente e não docente, famílias e organizações de pessoas com diversidade funcional.

O PRESSE reconhece a necessária participação de todos(as), enquanto agentes multiplicadores na promoção e proteção da saúde sexual das nossas crianças e adolescentes.

Maria da Paz Amorim Luís
Susana Carvalho de Sousa



Como utilizar este manual?

O **PRESSE-BOOK 2º Nível «ESPECIAIS ?!»** é um documento oficial do PRESSE a ser utilizado no contexto da sua operacionalização. Trata-se de um manual simples e sucinto destinado aos(às) profissionais que aplicam o PRESSE, disponibilizando ferramentas conceptuais e operacionais sucintas, com vista a viabilizar a tomada das medidas necessárias para reforçar a intervenção na promoção da saúde sexual de crianças e adolescentes com diversidade funcional. Não pretende ser exaustivo na abordagem teórica ao tema, nem um manual de intervenção terapêutica.

Para facilitar a sua aplicação, encontra-se subdividido em cinco áreas temáticas, que constituem 5 passos fundamentais na intervenção em contexto escolar, preconizando os(as) seguintes objetivos para os utilizadores(as):

CLARIFICAR

Bases fundamentais sobre sexualidade e diversidade funcional, refletir em torno de mitos e temores e suas consequências, afirmar os direitos universais e reconhecer barreiras que impedem ou limitam a sua vivência saudável.

COMPREENDER

Princípios essenciais ao reconhecimento, compreensão e facilitação da vivência da sexualidade de pessoas com diversidade funcional.

EDUCAR

Orientações para uma educação integral e inclusiva da sexualidade, o papel de cada agente educativo, objetivos e estratégias pedagógicas.

PROCEDER

Princípios gerais de atuação para evitar situações embaraçosas e recomendações para situações específicas.

PREVENIR

Referência à intervenção preventiva para evitar riscos associados à sexualidade.

Para mais informações sobre o PRESSE aceda a: www.presse.com.pt





1. CLARIFICAR

1. CLARIFICAR

Expor bases fundamentais sobre sexualidade humana na experiência biográfica, refletir em torno de mitos e temores e suas consequências, afirmar os direitos universais e reconhecer barreiras que impedem ou limitam a sua vivência saudável.

SEXUALIDADE NA EXPERIÊNCIA BIOGRÁFICA

Todos os seres humanos são sexuados e a sexualidade é uma importante dimensão da existência humana. Nascemos, crescemos e relacionamo-nos enquanto seres sexuados. Existe um registo infinito de singularidades na forma de sentir, viver e exercer a sexualidade entre diferentes pessoas e culturas, criando a partir dele, diversas formas para educar, assistir e cultivar o desenvolvimento sexual formas essas que se vão transformando ao longo do percurso da vida e ao longo de gerações. Não existe portanto uma única forma de ser sexuado ou sexual.

Cada pessoa é um ser sexuado de uma forma singular ao longo do seu processo biográfico que se inicia e se conclui com a vida.

A sexualidade realiza-se na esfera mais íntima e privada de uma pessoa e simultaneamente na interação, através da comunicação no sentido lato. Para interagirem afetiva ou sexualmente, as pessoas comunicam, seduzem e persuadem. O corpo e a imagem corporal são recursos dessa interação, assim como a confiança, o afeto, a partilha, a intimidade e o cuidado. A sexualidade é uma dimensão plena de emoções, fantasias, medos e tabus.

O sexo e a sexualidade são assim agentes produtores de diferenças, essa diferenciação tem imensa importância na origem da singularidade. Não são geradores de duas formas polarizadas, homem ou mulher ao serviço da concepção; mas de uma infinidade de nuances de se ser homem e de se ser mulher, expressas numa configuração especial e singular em cada um ou uma.

CADA ALUNO(A) É INCRÍVEL E SINGULAR, TEM UMA IDENTIDADE ÚNICA, INTERESSES E DESEJOS PRÓPRIOS, E CAPACIDADES A EDUCAR PARA QUE APRENDA A SER O(A) PROTAGONISTA DA SUA SEXUALIDADE NA SUA EXPERIÊNCIA BIOGRÁFICA.



MITOS, FACTOS E TEMORES

A diversidade funcional é mais uma dimensão da expressão de diversidade humana, que, geralmente, é definida de acordo com a(s) funcionalidade(s) comprometidas, nomeadamente sensorial, física, cognitiva, comunicativa, motora, etc. Todas as pessoas, com deficiência ou não, possuem características individuais que também se expressam na sua sexualidade. Um conhecimento limitado e deturpado sobre sexualidade de pessoas com diversidade funcional, gerado socialmente a partir de temores, generalizações, estereótipos e preconceitos, dá origem à ideia de que a sexualidade de quem tem uma deficiência é, de alguma forma, "peculiar", o que está na base das seguintes conceções:

«NÃO TÊM DESEJOS NEM NECESSIDADES SEXUAIS, SÃO COMO ANJOS, VÃO TER UMA INFÂNCIA ETERNA»

«SÃO HIPERSEXUAIS, TÊM UMA SEXUALIDADE DESCONTROLADA E EXAGERADA, ...»

«NÃO PODEM FUNCIONAR SEXUALMENTE DE FORMA ADEQUADA»

«SE FIZER EDUCAÇÃO SEXUAL, VAI DESPERTAR E INCENTIVAR A SUA SEXUALIDADE

«NÃO SÃO, NEM PODEM SER, ATRAENTES»

«SÃO TODOS(AS) IGUAIS»

«A DEFICIÊNCIA É SEMPRE HEREDITÁRIA, POR ISSO NÃO DEVEM PROCRIAR»

«NÃO TÊM CAPACIDADE PARA ATUAR DE FORMA RESPONSÁVEL EM RELAÇÃO À SEXUALIDADE»

Estas ideias distorcidas afetam a consideração básica de crianças e adolescentes com diversidade funcional serem seres sexuados e o reconhecimento social como tal, comprometendo o bem-estar, limitando-os(as) no acesso aos seus direitos e expondo-os a um maior risco. É, por isso, necessário romper com mitos perigosos que ainda são sustentados socialmente.



SUPERPROTEÇÃO, EVASÃO E SILÊNCIO

O temores que sustentam estas ideias falsas, nascem da vulnerabilidade atribuída a pessoas com diversidade funcional (medo a situações de dano, abuso, frustração e gravidez indesejada) afetando o seu reconhecimento social enquanto seres sexuados incluídos na diversidade humana.

A reação a esses medos difere nos diversos contextos: familiar, escolar, comunitário, social, mas, geralmente, todos(as) tendem a silenciar e a tornar invisíveis conteúdos e experiências de natureza sexual. O evitamento de experiências, a superproteção e o silêncio em torno desses conteúdos impedem aprendizagens básicas e expõem inevitavelmente a pessoa à vulnerabilidade que se procura precaver. Para evitar certos danos, não são proporcionadas situações de aprendizagem, nem se reconhece que pessoas com deficiência possam ser capazes de aprender e atuar em conformidade.

Ambiente familiar: superproteção, infantilização, controlo

Ambiente escolar/ institucional: silêncio, evitamento, controlo

Ambiente comunitário: estigma, estereótipos

A superproteção impossibilita que crianças e adolescentes com diversidade funcional vivam experiências comuns e inevitáveis pela socialização, fundamentais à sua adaptação e ao seu projeto de vida. São preservados(as) de experimentar a vida.

APRENDE-SE A VIVER: VIVENDO



... CONSEQUÊNCIAS

A superproteção, o silêncio e o evitamento de conteúdos e experiências de natureza sexual, têm efeitos na sexualidade da pessoa com diversidade funcional:

- Dificuldades na vinculação
- Solidão
- Baixa autoestima
- Insegurança
- Menor autonomia e controle
- Modelos de referência inadequados
- Limitações nas experiências
- Estigma
- Repressão da sua sexualidade
- Negação de experiências de aprendizagem
- Menos conhecimentos
- Atitudes mais negativas

- **DESCONSIDERAÇÃO SOCIAL ENQUANTO HOMENS E MULHERES**
- **ACESSO RESTRITO À SUA PRIVACIDADE**
- **PRIVAÇÃO DE SOCIALIZAÇÃO SEXUAL**
- **IGNORÂNCIA SOBRE O SEU CORPO, FISIOLOGIA E SENSações**

A generalidade das pessoas aprende por tentativa e erro, atitudes de aproximação, amizade, cordialidade, sedução, conquista, solidariedade, resolução de conflitos e gestão adequada de sentimentos e energias afetivas. No processo biográfico das crianças com diversidade funcional, esta aprendizagem pode ser mais árdua ou mais lenta (ou não), mas é igualmente possível. Podem adquirir muitas capacidades importantes que as ajudarão a interpretar e a gerir de forma mais eficaz os seus sentimentos e desejos. Trata-se apenas de considerar as suas necessidades, capacidades, maneiras de ser e de comunicar e ser sensível a elas.

PORQUE DIFERENTES, SOMOS TODOS(AS)!



DIREITOS SEXUAIS UNIVERSAIS

Acima dos mitos, tabus e temores estão os direitos sexuais universais. Os direitos sexuais são direitos humanos relacionados com a sexualidade contemplados na Declaração dos Direitos Sexuais - Saúde Sexual para o Milênio da Associação Mundial para a Saúde Sexual (2008).

1. Direito à igualdade e à não discriminação, sem distinção de qualquer tipo.
2. Direito à vida, liberdade, e segurança pessoal.
3. Direito à autonomia e integridade corporal.
4. Direito de estar isento(a) de tortura, tratamento ou punição cruel, desumana ou degradante em relação à sexualidade.
5. Direito de estar isento(a) de todas as formas de violência ou coerção relacionada com a sexualidade.
6. Direito à privacidade relacionada com a sexualidade.
7. Direito ao mais alto padrão de saúde atingível, inclusive de saúde sexual, com a possibilidade de experiências sexuais prazerosas, satisfatórias e seguras relacionadas com a sexualidade.
8. Direito de usufruir dos benefícios do progresso científico e suas aplicações.



9. Direito à informação cientificamente precisa e esclarecedora sobre sexualidade, saúde sexual e direitos sexuais através de diversas fontes.
10. Direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora.
11. Direito de constituir, formalizar e dissolver casamento ou outros relacionamentos similares baseados em igualdade, com consentimento livre e absoluto de escolher.
12. Direito a decidir sobre ter filhos(as), o número de filhos(as) e o espaço de tempo entre eles(as), além de ter informações e meios para tal.
13. Direito à liberdade de pensamento, opinião e expressão relativos à sexualidade.
14. Direito à liberdade de associação e reunião pacífica.
15. Direito de participação em vida pública e política.
16. Direito de acesso à justiça, reparação e indemnização por violações dos seus direitos sexuais.



The background is a solid light orange color. It features several faint, semi-transparent geometric shapes and symbols: a large circle in the upper center, a heart in the upper left, a star in the upper left, a triangle on the left side, a circle with an arrow (♂ symbol) in the upper right, a circle with a dot (♀ symbol) in the lower right, a circle with a horizontal line through it in the lower center, and a large circle with a thick border in the lower right. At the bottom of the slide, there is a horizontal bar composed of four colored segments: pink, light pink, teal, and light green.

2. COMPREENDER

2. COMPREENDER

Existem princípios fundamentais que facilitam o reconhecimento, compreensão e facilitação da vivência da sexualidade de pessoas com diversidade funcional. Este princípios contribuem para o reconhecimento e compreensão necessários para que cada menina ou menino com diversidade funcional se possa tornar uma mulher ou um homem com uma identidade sexual singular, visível, com capacidade para aprender com as suas experiências e para desenvolver competências de tomada de decisão.

SEXUALIDADE E DIVERSIDADE FUNCIONAL

Pretende-se que alunos(as) com diversidade funcional tenham o direito de usufruir do seu corpo e da sua privacidade, que a sós ou acompanhados(das), com aptidões necessárias para se relacionar na medida das suas possibilidades, desfrutando do desenvolvimento do seu potencial sensorial e erótico. São chaves para a capacitação e planeamento de um projeto de vida de qualidade, incluindo fatores preventivos face à vulnerabilidade ao abuso ou outras situações de violência.

RECONHECIMENTO DA SUA SEXUALIDADE

A identidade sexual é um processo que se adquire «de dentro para fora», mas também necessita de ser reconhecida a partir de fora. A mudança do olhar público sobre crianças, adolescentes e adultos(as) com diversidade funcional, reconhecendo-as(os) como seres sexuados que são, no seu processo biográfico individual de desenvolvimento que requer acompanhamento, assistência e educação, facilita a oportunidade de conhecer e viver a sexualidade, expressando-se como tal, de acordo com as suas capacidades.



RECONHECIMENTO DA SUA SEXUALIDADE

O espaço privado e o tempo de intimidade são essenciais ao desenvolvimento por várias razões. Na privacidade, uma pessoa liga-se ao seu corpo e aos seus desejos, integra a sua imagem corporal sexuada, estabelece os limites do pudor, descobre sensações agradáveis, a sós ou em companhia e estrutura as emoções. Um aspeto muito importante da privacidade é aprender a diferenciar o que é íntimo do que é público.

A facilitação de momentos de privacidade, sem prescindir da supervisão, quando necessária, permite a aprendizagem, pois é difícil construir esse limite, sem poder usufruir dele. O público e o íntimo aprendem-se um em relação ao outro. Sem facilitar referências claras, existe o risco de confundir ou misturar ambos.

Conhecer e experimentar essa diferença, ajuda a integrar normas sociais sobre os tempos e espaços, aprendendo o que é feito em privado e em público. Além disso, com este limite claramente estabelecido, aprende-se a defender e a proteger a própria intimidade.



CONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DO CORPO

O conhecimento do próprio corpo e do corpo do outro sexo permitem entender as suas funções, as mudanças que ocorrem em cada fase e as sensações que pode experimentar através dele, a sós e em companhia. O acesso ao próprio corpo facilitará o reconhecimento de situações de natureza erótica, fundamental ao processo de tomada de decisão.

A explicação da razão da abordagem ao seu corpo, ou espaço pessoal e íntimo (higiene, cuidados, saúde, carinho, desejo ...) ajuda a aprender a diferenciar algumas situações, de outras com carga erótica.

Respeitar o pudor e o espaço privado em situações de nudez ou excitação é fundamental, porque o pudor é uma forma de marcar um limite para a privacidade, um sinal que nos adverte que é um espaço que não deve ser violado.

Cultivar e adequar o aspeto físico ao gosto estético é extremamente relevante: o penteado, as roupas e a maneira de vestir são símbolos de identidade que acompanham a expressão das múltiplas formas de masculinidade ou feminilidade que, em certos momentos do desenvolvimento, têm uma importância vital e apoiam o desenvolvimento de uma imagem corporal sexuada.



SOCIALIZAÇÃO

A tutoria permanente e a superproteção que os diferentes contextos educacionais exercem sobre pessoas com diversidade funcional, algumas vezes causam isolamento e dificuldades para socialização.

O ambiente social de mulheres e homens com deficiência geralmente tende a ser fechado. Geralmente o mesmo grupo de pessoas que se conhece e se relaciona frequenta os mesmos espaços. Este enquadramento provoca muitas vezes relações de consanguinidade, triangulações, ciúmes...

É importante facilitar espaços inclusivos de socialização para interação e relacionamentos, para ensaiar e aprender as habilidades para viver com outros meninos e outras meninas que possuam, ou não, deficiência. Nestes espaços vão-se ensaiando e aprendendo as regras de convivência e relacionamento social, a estabelecer limites e a interpretar o significado de certos gestos e comportamentos.

Permitir a experimentação de novos ambientes e círculos de pessoas com quem interagir à medida que vão modificando os seus interesses e curiosidades, favorece a criação de uma rede rica de relacionamentos com os quais vão poder ensaiar e aprender habilidades sociais básicas e a diferenciar entre os diferentes tipos de relações.



EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM

Grande parte das aprendizagens relacionadas com a sexualidade, surgem de processos comuns como autoexploração, observação, imitação ou influência externa formal ou informal. Basicamente, surgem através experiências proporcionadas pela vida, ou seja da educação incidental ou informal. Contudo, a restrição de conteúdos e de experiências de natureza sexual, limita as pessoas portadoras de deficiência nas experiências necessárias para adquirir competências, limites e conhecimentos para aprender.

Por vezes, a experiência é reprimida para evitar a frustração que poderia gerar, nomeadamente reações do tipo: «contigo não!», «tu não podes», «sai daqui, não gosto de ti», «não me atraís nada». Por outro lado, é comum ensinar pessoas portadoras de deficiência a dizer «Não!», como fator de proteção contra situações difíceis, mas é impossível aprender a dizer «Não!», sem saber a que se refere essa negação.

É por isso fundamental acompanhar e apoiar as pessoas com diversidade funcional a aprender com experiências de rejeição e desilusões e transformá-las em resiliência necessária para viver, em vez de evitar frustrações ou experiências dolorosas, que não preparam para a vida. Construir o «Sim» da experiência, o reconhecimento da possibilidade de acesso, confere coerência ao processo de tomada de decisão, em vez de se centrar apenas em aprender a dizer «Não».





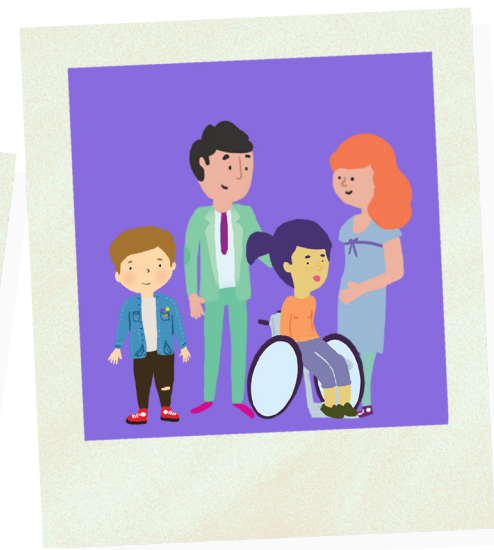
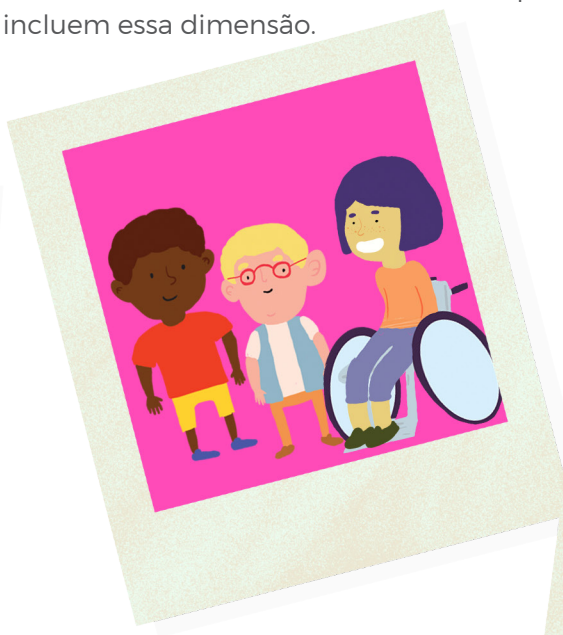
3. EDUCAR

3. EDUCAR

Para uma educação integral e inclusiva da sexualidade, é fundamental levar em consideração o papel de cada agente educativo, objetivos pedagógicos e estratégias didáticas.

EDUCAÇÃO INTEGRAL E INCLUSIVA DA SEXUALIDADE

A educação da sexualidade não tem um dia para começar, encontra-se presente desde o nascimento. Através das atitudes e condutas dos pais, irmãos e outros familiares, todas as crianças vão assimilando uma ideia de si mesmas, como seres amados e desejados. Todas as pessoas que estão próximas de cada criança devem ser sensíveis às suas necessidades e desejos, procurando educá-las numa perspectiva positiva. A educação da sexualidade é mais um meio que um fim, o aspeto mais importante desta componente consiste no reconhecimento de que a formação do(a) aluno(a), criança ou adolescente, dos seus sonhos, dos seus projetos de vida e dos vínculos afetivos, incluem essa dimensão.



EDUCAÇÃO INTEGRAL E INCLUSIVA DA SEXUALIDADE

A educação da sexualidade, além de um direito humano, é um dever incontornável da família, escola, sociedade e entidades que trabalham com pessoas com diversidade funcional. Por vezes também se educa para a sexualidade sem intenção. Acidentalmente, as pessoas que convivem com crianças e adolescentes convertem-se espontaneamente em modelos de referência através de gestos, comentários e piadas, transmitindo atitudes, atribuições e expectativas sobre diferentes aspetos da sexualidade. Explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente, a socialização, nos seus diversos contextos, incorpora valores e expectativas acerca da sexualidade. A educação da sexualidade é portanto, um processo inevitável, naturalmente, também no contexto de quem tem diversidade funcional.

O COMPROMISSO DA ESCOLA

O compromisso da escola para incluir a educação da sexualidade no ambiente educativo é decisivo. Ao responsabilizar-se pela educação sexual, cada escola reconhece e afirma os direitos sexuais fundamentais, bem como sustenta a atuação do seu corpo docente. É importante neste contributo envolver todos os agentes educativos, nomeadamente docentes, pessoal não docente e famílias, dotá-los de formação. Cada escola deve assim implementar o projeto de educação sexual de acordo com a sua realidade, recursos e organização. O processo de mudança envolve mudar atitudes, ultrapassar estereótipos e medos em relação à sexualidade de pessoas com diversidade funcional.

Espera-se que cada escola seja um motor de transformação, tirando o melhor partido do imenso potencial pedagógico de professores(as), famílias e alunos(as) para transformar as dificuldades em possibilidades de educação sexual. O êxito de uma educação sexual integral e inclusiva implica contrariar o isolamento profissional e promover a partilha de ideias, conhecimentos, experiências e recursos. É por isso necessário incentivar a participação de professores(as) titulares, professores(as) de apoio e alunos(as), bem como articular com outras instituições da rede social, aproximando as relações entre a escola e a sociedade, mediante iniciativas de carácter inclusivo em torno da educação sexual.

A aprendizagem facilitada pela escola em torno dos aspetos da sexualidade, constitui uma parte do que os(as) alunos(as) adquirem noutros contextos de aprendizagem que as suas vidas lhes proporcionam. A educação formal oferece práticas controladas em contextos organizados, permitindo ensaiar experiências e retirar aprendizagens que lhes permitam extrapolar para a vida independente.

O(A) DOCENTE ENQUANTO FACILITADOR(A)

Juntamente com a família, o corpo docente atua como um agente educativo de primeira ordem, na transmissão de valores, conhecimentos e competências sobre sexualidade e enquanto como modelos de referência de observação e replicação. Por isso, o primeiro passo de atuação de cada educador(a) passa pela reflexão em torno do seu currículo oculto, das suas concepções, ideias e apreciações acerca de diferentes conteúdos abrangidos por um programa de educação sexual. O ponto de partida passa por receber formação específica, que permita trabalhar a atitude necessária a uma abordagem com distância profissional e contribua com conhecimento técnico, chaves pedagógicas e ferramentas didáticas.

Ocupando um lugar privilegiado na educação dos(as) alunos(as), os(as) docentes são os(as) profissionais que conhecem melhor as suas necessidades educativas especiais, desempenhando um papel decisivo no planeamento das intervenções adaptadas às características incríveis e singulares de cada aluno(a) e na construção de uma relação de confiança e ajuda com cada aluno(a), permitindo que aborde as suas dúvidas, questões e preocupações. Por outro lado, estes(as) profissionais de educação, assistem à interação entre os(as) colegas em contexto de relação de pares e de grupo, o que lhes permite aceder a conteúdo importante para projetar ações ajustadas aos interesses e necessidades sobre sexualidade dos(as) seus(suas) educandos(as), bem como encontrar consensos e coordenar intervenções em educação sexual em conjunto com as famílias.

A COLABORAÇÃO DA FAMÍLIA

Os familiares são agentes educativos e modelos de referência de primeira linha, com responsabilidade legal em relação aos(às) alunos(as), geralmente, com relacionamentos de estreita dependência. A família é dos contextos educativos de maior relevância na educação dos(as) alunos(as) e, naturalmente, também na sua sexualidade. Dada a limitada socialização em contextos abertos para crianças e adolescentes com diversidade funcional, o papel da família pode ser decisivo para o êxito ou fracasso das iniciativas da escola no âmbito da educação da sexualidade, pelo que os seus elementos devem ser informados, considerados e envolvidos.



OBJETIVOS PEDAGÓGICOS

O OBJETIVO ÚLTIMO DA EDUCAÇÃO SEXUAL INTEGRAL E INCLUSIVA É QUE TODOS APRENDAM A CONHECER, ACEITAR, VIVER E EXPRESSAR A SUA SEXUALIDADE DE FORMA SAUDÁVEL, RESPONSÁVEL, APRAZÍVEL E CONFORTÁVEL.

ESTE GRANDE OBJETIVO DESDOBRA-SE EM OBJETIVOS MENORES E MAIS ESPECÍFICOS:

- Aceitar a sexualidade em todas as suas dimensões como fonte de saúde, afetividade, prazer e fertilidade.
- Conhecer e compreender o desenvolvimento sexual humano.
- Reconhecer as necessidades afetivas e sua evolução.
- Desenvolver autoestima.
- Conhecer as diferenças anatômicas de ambos os sexos.
- Tomar consciência, aceitar e valorizar a sua figura corporal e a sua identidade sexual.
- Conhecer e compreender os mecanismos de reprodução humana.
- Conhecer e analisar o desejo sexual humano, a sua orientação e as suas manifestações.
- Conhecer os elementos básicos da resposta sexual e os afetos e emoções associados.
- Desenvolver competências como comunicação, empatia, expressão emocional que permitam viver as relações interpessoais e a componente erótica adequadamente.
- Reconhecer situações de risco associadas ao comportamental sexual.
- Desenvolver estratégias de análise e resolução de problemas em torno da sexualidade, que possam surgir.



ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS

PARA ATINGIR OS OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO DA SEXUALIDADE É NECESSÁRIO CONSIDERAR AS SEGUINTE ESTRATÉGIAS:

- Organizar o espaço: o ambiente físico numa sala de aula pode estimular ou bloquear a participação, a interação e o desenvolvimento de uma sessão: o círculo é uma boa opção.
- Garantir a aquisição de aprendizagens significativas: a partir do conhecimento prévio, curiosidades, interesses, motivações, capacidades e necessidades de cada aluno(a).
- Contextualizar processos de ensino-aprendizagem, tendo em conta as características do grupo: o contexto do grupo é a realidade definidora da intervenção.
- Facilitar a personificação das aprendizagens: contextualizar os conteúdos na realidade individual e coletiva do(a) aluno(a) e na sua forma de viver, sentir e se relacionar.
- Promover a aprendizagem de processos autónomos e cooperativos: através da reflexão crítica individual e do trabalho de grupo, percebe que existem outras formas de sentir e viver a sexualidade e que a sua é aceite pelo grupo.
- Fortalecer o grupo de pares enquanto estrutura de integração: usar orientação coeducativa que valoriza a sexualidade de cada um(a), a sua singularidade e os seus desejos, numa perspetiva positiva das diferenças sexuais.
- Desenvolver intervenções em ambiente aberto: facilita a participação de todo(as) e a consciência da diversidade.
- Recorrer a materiais didáticos apropriados e confortáveis para o(a) docente: adequados aos objetivos pedagógicos, adaptados ao momento e, sobretudo, às características do grupo.
- Implementar estratégias de avaliação contínua com base nos objetivos definidos: redefinir novos objetivos, se necessário.

ITINERÁRIO DE APRENDIZAGEM

O ITINERÁRIO DE APRENDIZAGEM DEVE RESPEITAR AS CARACTERÍSTICAS DE CADA ALUNO(A), CONTUDO, APRESENTA-SE UMA LINHA POSSÍVEL DE CONDUÇÃO DOS CONTEÚDOS:

INFÂNCIA

- O meu corpo e a minha intimidade
- Diferenças anatómicas entre meninos e meninas
- Como vou ser quando crescer
- Sensações corporais
- Lugares e comportamentos públicos e privados
- Reconhecer e dizer “não” a contactos incorretos
- Como nascem os bebés

ENSINO BÁSICO

- Relações interpessoais
- Transformações próprias da puberdade
- Sentimentos e emoções relacionados com o desejo
- Orientação sexual
- O que significa criar e manter um relacionamento afetivo

ENSINO SECUNDÁRIO

- Modelos de beleza
- Diversidade sexual
- Contextos de amor e sexo
- Infecções sexualmente transmissíveis e métodos para evitá-las
- Responsabilidade que implica um relacionamento sexual
- Responsabilidades de ser mãe ou pai



The background is a solid teal color. It features several faint, semi-transparent geometric shapes and symbols: a heart in the upper left, a star, a large circle in the upper center, a triangle on the left, a male symbol (a circle with an arrow) in the upper right, a horizontal bar with rounded ends in the lower center, a small circle in the lower right, and a large thick-bordered circle in the bottom right. At the bottom of the page, there is a horizontal bar composed of four colored segments: red, light pink, yellow, and light green.

4. PROCEDER

4. PROCEDER

Considerando os diversos tipos de deficiências e limitações funcionais na diversidade humana, é importante definir princípios de atuação facilitadores da educação integral e inclusiva da sexualidade.

Existem muitos tipos de deficiências e limitações funcionais na diversidade humana, não sendo possível abranger todas numa única abordagem. Todos os dias surgem novas manifestações da diversidade humana, mas é possível tomar como exemplo, pessoas com deficiência que têm uma vida emocional e sexual saudável e gratificante e, a partir delas, gerar recomendações gerais e específicas na abordagem à sexualidade de crianças com diferentes deficiências. O importante é perceber que cada um(a) é diferente na sua individualidade ao mesmo tempo que é igual nos seus direitos como pessoa, incluindo no acesso à educação sexual integral e inclusiva.

O corpo é a primeira imagem que se expõe em relação interpessoal, que se modifica em função dos vínculos que se estabelecem. Quando se trata de um(a) aluno(a) com diversidade funcional, a sua corporalidade e imagem corporal podem ser diferentes da maioria dos(as) colegas, podendo incorporar elementos como próteses, canadianas, cadeiras de rodas, sondas, entre outras ajudas técnicas, o que implica vários desafios psicológicos na construção da sua autoestima e da sua relação com os seus pares.



PRINCÍPIOS DE ATUAÇÃO QUE FACILITAM A EDUCAÇÃO INTEGRAL E INCLUSIVA DA SEXUALIDADE

Quase todas as expressões apropriadas de sexualidade ocorrem em contextos de intimidade. Se não se dispõe desse espaço, dificilmente se poderá expressar a sexualidade de forma adequada. Aprendendo que a sexualidade faz parte do íntimo, evita-se aprender que é parte do proibido. Dificilmente se pode falar acerca de prazer, se a componente sexual e erótica se mantiver encurralada no oculto, em vez de ser legitimada pela intimidade. Na intimidade podem ocorrer comportamentos eróticos individuais ou partilhados, desde que as partes envolvidas o façam de maneira livre e consensual. Nesse espaço deve aprender-se a gerir estímulos eróticos e respostas sexuais, mas também aprender a estar a sós. A intimidade é necessária para crescer. Levando em consideração que cada aluno(a) é incrível e singular, cada sexualidade também o é, existindo princípios facilitadores da tomada de decisão e da expressão livre e responsável da sexualidade.

PROMOÇÃO DA AUTONOMIA E AUTODETERMINAÇÃO

- Evitar a superproteção e a tomada de decisões pelo(a) aluno(a), mesmo que ele(a) possa decidir, pois isso leva a comportamentos inadequados ou infantis e dificulta a expressão dos seus desejos ou necessidades.
- Expressar boas expectativas sobre o seu desenvolvimento e desempenho para adquirir autoconfiança.
- Aproveitar as várias oportunidades para incentivar a tomada das próprias decisões, considerando-as possibilidades para aprender, crescer e ganhar segurança.
- Demonstrar ao(à) aluno(a) que conhece e valoriza as suas capacidades e possibilidades. Educar e capacitar para a tomada de decisão.
- Conversar com o(a) aluno(a) sobre o seu futuro, ajudando-o(a) a definir metas e a encontrar caminhos realistas.
- Promover a autodeterminação e o autocuidado, para que possa optar pela experiência de uma sexualidade plena, satisfatória e segura, em que beijos, toques ou carícias são recebidos ou oferecidos com base no respeito pela dignidade, desejo e consentimento.
- Sempre que possível, dar oportunidade ao(à) aluno(a) de se mover livremente e realizar atividades de forma autónoma.

ACESSO A INFORMAÇÃO SOBRE SEXUALIDADE

- Ensinar e aprender sobre sexualidade é sempre necessário, a educação sexual deve ser contínua e transversal. A sexualidade está presente em todos os estágios evolutivos, e em todos eles é necessário aprender, é um erro esperar pela adolescência ou pelo momento em que, aparentemente, é necessário.
- Reconhecer que convive diariamente com imagens, comentários, filmes, conteúdos em que o tema sexual se encontra presente e que deve entender que tem com quem conversar sobre tudo isso.
- Permitir o acesso a informação correta sobre sexualidade e evitar o silêncio: possibilitar que exponha as suas preocupações, dúvidas ou medos, sobre questões relacionadas com a sexualidade.
- Criar ou adaptar os diferentes recursos para favorecer a acessibilidade cognitiva de cada aluno(a) (ex.: impressões, pôsteres, murais, folhetos, jornais, revistas, audiovisuais, jogos, recursos da internet, histórias, modelos anatómicos, etc.).

INTERAÇÃO COM OUTRAS CRIANÇAS OU ADOLESCENTES

- As relações interpessoais são essenciais para a inclusão. Favorecer a interação social do(a) aluno(a) com outros(as) colegas.
- É essencial que o(a) aluno(a) com diversidade funcional aprenda competências sociais igualitárias e equilibradas para que possa conhecer mais pessoas e partilhar mais espaços.
- Ensinar a diferenciar os vários tipos de relacionamento (ex.: pai-mãe, filho-filha, amigo(a), colega, pessoa desconhecida, etc.) e respetivas funções.
- Ensinar sobre o uso adequado das tecnologias de informação e comunicação telemóvel, computador, sms, videochamada, chat, redes sociais, etc.).
- Ao dirigirem a atenção para a(s) sua(s) deficiência(s), certamente por curiosidade, procurar que o(a) aluno(a) não sinta vergonha, sem reprimir a curiosidade manifestada. Permitir a interação natural e o diálogo sobre as suas limitações e possibilidades, favorece a compreensão de que todas as pessoas são diferentes. Faz parte da educação.
- Falar naturalmente, sem mentir. Dar explicações simples, concretas, oportunas, respondendo às perguntas, sem exposições longas e demasiado detalhadas.

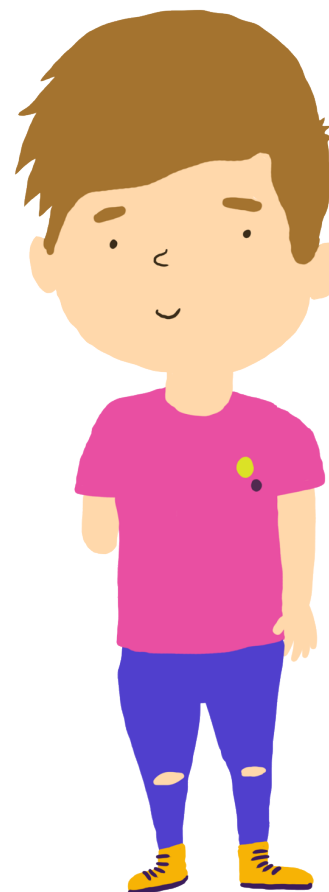


PROMOÇÃO DA PRIVACIDADE E RESPEITO PELOS LIMITES EM RELAÇÃO AO SEU CORPO E AO SEU PUDOR

- Oferecer espaços e horários em que o(a) aluno(a) é protagonista da sua sexualidade e sinta que ela lhe pertence.
- O facto de o(a) aluno(a) necessitar de contacto físico para realizar atividades da vida quotidiana (transportar, mobilizar, higienizar, vestir, etc.), não significa que o seu corpo não mereça respeito, só porque não manifesta desconforto ou parece acostumado(a).
- Respeitar o corpo do(a) aluno(a) e ensinar que o corpo desnudado só precisa ser acedido por certas pessoas e apenas quando necessário, por motivos concretos e justificados. O seu corpo a si pertence.
- Fomentar, na medida do possível, a compreensão dessas regras, solicitar permissão quando vai ser ajudado(a), perguntar se pretende estar em privado aguardando com uma porta ou uma cortina fechada.
- Quando for possível, providenciar e incentivar a utilização autónoma ou a permanência de algum tempo sozinho(a) na casa de banho.
- Ensinar que é importante respeitar a privacidade e os limites pessoais das outras pessoas, explicar que deve virar-se quando alguém se está a mudar, por exemplo.
- Falar em privado sobre assuntos íntimos, demonstrando que alguns tópicos não são discutidos em público.
- Não abordar à frente do(a)s colega(s) dificuldades ou aspetos que dizem respeito à intimidade do(a) aluno(a), pode fazê-lo(a) sentir-se envergonhado(a) e desrespeitado(a).

IDENTIDADE DE GÉNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

- Possibilitar a expressão da sua identidade e da sua orientação sexual, livre de pressões e estereótipos: a pluralidade sexual também integra a realidade das pessoas com diversidade funcional.
- Dar visibilidade e legitimidade ao grupo LGBTI, disponibilizar referências e derrubar mitos e preconceitos que estão na raiz da desigualdade.
- Permitir que sinta que pode expressar a sua sexualidade com a mesma legitimidade que qualquer pessoa, mesmo que não tenha uma consciência explícita da heterossexualidade, homossexualidade ou de outros conceitos relacionados à sexualidade que não se adapte aos padrões estabelecidos.



RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS

ALUNOS(AS) COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Não é necessário ser especialista para compreender e comunicar com um(a) aluno(a) com deficiência intelectual sobre a sua sexualidade.

É importante respeitar o seu ritmo e o seu tempo, perceber as suas necessidades e ensinar algumas instruções básicas sobre o local e o momento mais indicado para abordar o assunto.

Encontrar a forma certa de comunicar pode levar algum tempo, contudo, o resultado será valioso, compensador e gratificante.

Alunos(as) com deficiência intelectual, por vezes precisam de mais tempo para compreender questões relacionadas com a sua sexualidade.

São bons recursos: linguagem clara e simples, indicações explícitas e faseadas, repetições, mensagens breves, doseamento de informação.

Com alunos(as) capacidade de comunicação: usar gestos, fotografias, desenhos simples (especialmente sobre situações quotidianas e realistas, não artificiais), é a melhor maneira de comunicar com eles(as) e ensinar-lhes.

É fundamental haver coerência e consistência nas regras, nas mensagens e na informação que é transmitida através da concordância entre os diferentes membros da família (mãe, pai, irmãos, avós ou outras pessoas que morem em casa) e entre a família e a escola.



RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS

ALUNOS(AS) COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

PUBERDADE

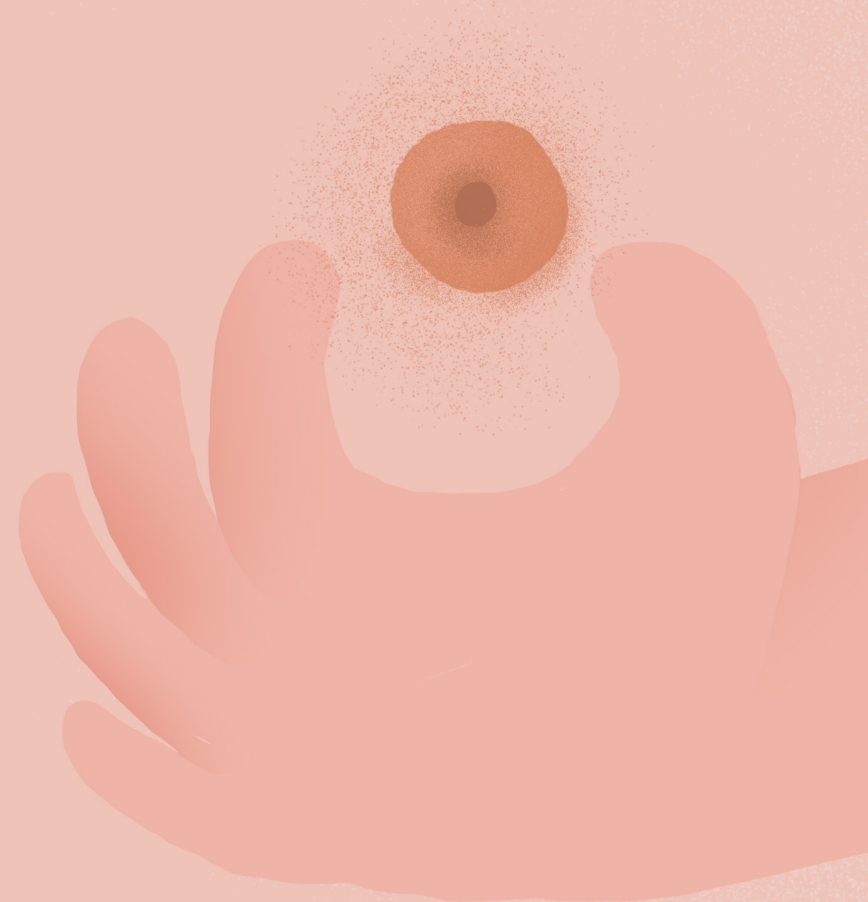
Em geral, alunos(as) com deficiência intelectual iniciam a puberdade com a mesma idade que todos(as) os(as) outros(as), experimentando as mesmas alterações físicas e hormonais. Contudo, um(a) aluno(a) com deficiência intelectual precisará de maior investimento educacional de mais apoio para compreender o que essas mudanças implicam e para se adaptar a elas.

É provável que surjam experiências corporais e respostas fisiológicas que o(a) aluno(a) não possa compreender ou ter uma representação clara. Poderá experimentar sensações agradáveis através do seu corpo, sem saber exatamente o que lhe está a acontecer, se é bom ou mau, quando e onde deve ser praticado. Irá por isso desfrutar delas sem ser capaz de evitar desejá-lo.

Alunos(as) que precisam de mais cuidados e apoio, requerem uma atenção muito personalizada e paciente até conseguirem expressar a sua sexualidade adequadamente e de forma positiva. Provavelmente ser-lhes-á difícil entender os conceitos de público e privado e os comportamentos mais oportunos em cada caso. No entanto, educadores(as) e familiares, seguramente, encontram várias oportunidades para reforçar uma mensagem conveniente e tranquilizadora sobre o assunto.

MASTURBAÇÃO

A masturbação é um comportamento autoerótico natural que pode ser praticado de forma saudável desde que em privacidade. Todavia, pode causar conflitos persistentes, especialmente se for praticada na presença de outras pessoas e com frequência. É necessário tomar a situação com calma, não dramatizar ou punir o(a) adolescente com proibições e penas cujo motivo não consegue entender, contribuindo para o aumento da sua insegurança. É necessário fazer-lhe compreender que se pretende ajudar a evitar comportar-se de uma forma que é socialmente rejeitada.



RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS

ALUNOS(AS) COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

A comunicação e a linguagem são recursos da espécie humana. A principal característica dos(as) alunos(as) com deficiência auditiva é que, diversas vezes, a linguagem e a simbolização se encontram limitadas.

Um(a) aluno(a) surdo(a) não está apenas limitado(a) pela sua deficiência auditiva, mas por ter menos momentos de diálogo e menor motivação para se relacionar com quem o(a) rodeia, ou seja, o déficit auditivo não impede, por si só, a capacidade de simbolizar e de comunicar.

Em geral, a surdez apenas afeta o desenvolvimento das primeiras relações interpessoais, se a família não conseguir gerar recursos de comunicação adaptados.



A língua gestual requer o uso do corpo e é construída com elementos do corpo: movimentos, formas da mão e gestos. O(a) aluno(a) surdo(a) tem uma maneira visual de interpretar o mundo e os relacionamentos entre as pessoas. Muitas vezes a comunicação relacionada com a sexualidade é "vista" pelos(as) ouvintes como "muito explícita uma vez que envolve diretamente partes do corpo e precisam ser tocadas para comunicar sobre elas. São particularidades inerentes à cultura dos(as) surdos(as) e também a sua maneira de expressar a sexualidade. Por outro lado, os sinais são observados por todas as pessoas que partilham o mesmo espaço físico, não existindo possibilidade de falar em segredo ou em voz baixa, como fazem os ouvintes quando precisam de tratar um tema privado. Tudo o que se diz é visto.

Torna-se mais complexo transmitir a um(a) aluno(a) surdo(a) as ideias de "privado", "segredo", "confiança" ou "privacidade". É necessário esclarecer essas ideias mais de uma vez, recorrendo a sinais, gestos, figuras e palavras diferentes até estar ciente de que entendeu. Podem surgir sentimentos de angústia e confusão.

É essencial facilitar o acesso do(a) aluno(a) a informação sobre saúde sexual e reprodutiva, promovendo recursos de autocuidado e prevenção, nomeadamente de relacionamentos sexuais não consentidos, infeções sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada.

RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS

ALUNOS(AS) COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Um(a) aluno(a) com deficiência visual está privado(a) de ferramentas que lhe permitem aprender sobre sexualidade, nomeadamente conhecer as diferenças sexuais e entender os códigos de relacionamentos interpessoais para ajustar os seus comportamentos ao que a sua cultura considera adequado.

O desconhecimento ou conhecimento insuficiente pode causar insegurança. Por exemplo, desconhecendo a anatomia masculina e feminina, não conseguirá interpretar as mudanças no seu corpo na fase púbere.

Em relação à sua aparência, tão importante para a vivência e expressão da sexualidade, também está em desvantagem. Muitas formas de comunicar o interesse amoroso ou sexual entre jovens têm características visuais (roupas, ornamentos, insinuações), o que coloca em desigualdade um(a) adolescente cego(a). Pode pensar que não tem uma aparência atraente e duvidar do seu potencial para conquistar.

Por isso, a educação da sexualidade desempenha um importante papel na formação da sua identidade, na transmissão de informação útil e no apoio permanente sobre questões relacionadas com a anatomia e fisiologia e as competências interpessoais necessárias para entender a sua sexualidade e desfrutar do relacionamento com os seus pares.

Os(as) alunos(as) com deficiência visual têm uma grande capacidade para assimilar a informação e a educação sexual que recebem. É necessário disponibilizar materiais concretos, imagens com relevo e oportunidades para experimentar aspetos da sexualidade e do corpo através do toque (ou braille).

Acima de tudo, alunos(as) com deficiência visual precisam de se imbuir de histórias sobre amor, sobre sentimentos e sobre a importância de uma sexualidade saudável e segura.



RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS

ALUNOS(AS) COM DEFICIÊNCIA MOTORA

Existem diversas deficiências motoras, mas a maioria não impede a pessoa de desenvolver uma vida amorosa e sexual saudável e agradável. A fantasia e a imaginação não entendem, felizmente, as limitações físicas ou barreiras arquitetônicas. Em relação ao romance e erotismo, um(a) aluno(a) com deficiência motora pode reconhecer a importância da fantasia para lidar com a emoção, com o desejo e desfrutar da sua sexualidade. Para muitos(as) alunos(as) que usam equipamentos de assistência pessoal (cadeiras de rodas, scooters, canadianas, próteses, entre outros), de alguma forma, eles fazem parte do seu próprio corpo e espaço pessoal.

Algumas recomendações podem ajudar a reforçar a sensação de intimidade corporal, considerando esses equipamentos:

- Tratar com o mesmo cuidado que é dado ao corpo em relação à higiene e ao contato físico.
- Evitar tocar ou mover o equipamento sem consultar o(a) aluno(a).
- Ensinar os(as) colegas e outras pessoas próximas a respeitar o equipamento como parte do espaço privado.



RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS

ALUNOS(AS) COM PARALISIA CEREBRAL

A paralisia cerebral é uma condição que afeta os músculos e, em alguns casos, os sentidos. Dependendo do tipo de paralisia cerebral (desde levemente afetado, a afetado com maior gravidade), os músculos podem tensionar-se e restringir os movimentos, e mobilizar-se costuma ser muito difícil para um(a) aluno(a) com paralisia cerebral. Estas características fazem parte da condição do(a) aluno(a) e devem ser levadas com naturalidade.

É frequente encontrar alunos(as) com paralisia cerebral que, pela sua dificuldade de falar, emitem sons incompreensíveis ou desproporcionalmente altos, no seu esforço para comunicar. É necessário ouvir com atenção, cortesia, respeito e ser paciente, não tentar completar as suas frases. Evitar a infantilização pois tem consequências na interação social.

A procura do prazer pelos(as) alunos(as) com paralisia cerebral tem muitas formas e nem todas estão relacionadas com relações sexuais ou com o orgasmo. É possível que também manifestem comportamentos sexuais e/ou autoeróticos, embora nem sempre, por diferentes razões, o façam no momento ou local certo. Nesses casos, é importante considerar que o problema não é o comportamento, mas o facto de ser expresso num contexto inadequado. Logo, é necessário providenciar uma alternativa.

Muitos(as) alunos(as) com paralisia cerebral podem fazer o mesmo tipo de atividades que todos(as) os(as) outros(as). A sua vida sexual pode ser plena e satisfatória, podendo inclusive formar uma família, ser pais e mães. Neste sentido, precisam de educação, atenção e de apoio para que possam desenvolver adequadamente os seus projetos de vida.



The background is a solid light green color. It features several faint, semi-transparent geometric shapes and symbols: a large circle in the upper center, a heart in the upper left, a star in the upper left, a triangle on the left side, a male symbol (a circle with an arrow) in the upper right, a horizontal bar with rounded ends in the lower center, a small circle in the lower right, and a large double-lined circle in the lower right. At the bottom of the page, there is a horizontal bar composed of five colored segments: red, pink, orange, light blue, and dark blue.

5. PREVENIR

5. PREVENIR

A prevenção de comportamentos de risco associados à sexualidade é uma responsabilidade que precisa de ser partilhada e deve ser encarada como uma prioridade para todos os membros da sociedade. As crianças e os adolescentes com diversidade funcional também têm direito à sua segurança e proteção. Para garantir a sua segurança é necessário promover um movimento de mudança da reação para a prevenção.

ABUSO SEXUAL

Alunos com diversidade funcional podem ser vulneráveis ao abuso sexual. Pode acontecer que, devido ao seu isolamento, dificuldade em entender as intenções de outrem, ou devido à sua baixa autoestima, sejam induzidos(as) ou coagidos(as) a práticas sexuais. Muitas vezes, simplesmente não sabem recusar, fugir de uma situação comprometedora, ou defender-se de participar em algo contra a sua vontade. É muito importante ensinar os(as) alunos(as) a reconhecerem comportamentos de risco que não gostam ou lhes provocam mal-estar e a recusar, sem medo.

Os(as) alunos(as) com diversidade funcional podem ser capacitados(as) para se protegerem, defenderem e saírem de situações adversas, se possuírem as ferramentas adequadas para detetar situações de risco e evitar abusos. Nesse sentido, é essencial fornecer-lhes informações corretas, sem ocultações e educá-los(as) sobre sexualidade, ajudando-os(as) a entender o que caracteriza os vários tipos de relacionamentos e que precauções tomar. É essencial que possam conversar com adultos(as) da sua confiança, que lhes transmitam mensagens de confiança e expliquem que não é bom guardar segredos que os(as) prejudicam.

O USO INDEVIDO DA INTERNET

A internet é uma excelente ferramenta de comunicação que ajuda a usufruir da aprendizagem, investigar através da leitura, comunicar e fazer amigos(as). No entanto, é necessário alertar os(as) alunos(as) com diversidade funcional, para os riscos associados e garantir a sua segurança, ajudando-os(as) a descobrir a melhor maneira de aproveitar a internet.

Mais informações em presse-book 2º nível: “Sorriso nos lábios e brilho no olhar. Contributos para o final da violência sexual”.

GRAVIDEZ INDESEJADA E INFEÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Todos(as) os(as) alunos(as) com diversidade funcional precisam aprender sobre interações sexuais e métodos para prevenir infeções de transmissão sexual e gravidez indesejada.

No enquadramento da educação da sexualidade deverão ser abordados os temas ligados aos mecanismos da reprodução humana, e infeções sexualmente transmissíveis e formas de preveni-las. Os(as) alunos(as) deverão igualmente estar familiarizados com os diferentes métodos contraceptivos e saber pedir ajuda (no caso de ser necessário) para usá-los corretamente.

Conclusão

A utopia está no horizonte.

Eu ando dois passos, ela afasta-se dois passos

e o horizonte corre dez passos mais além.

Então, para que serve a utopia?

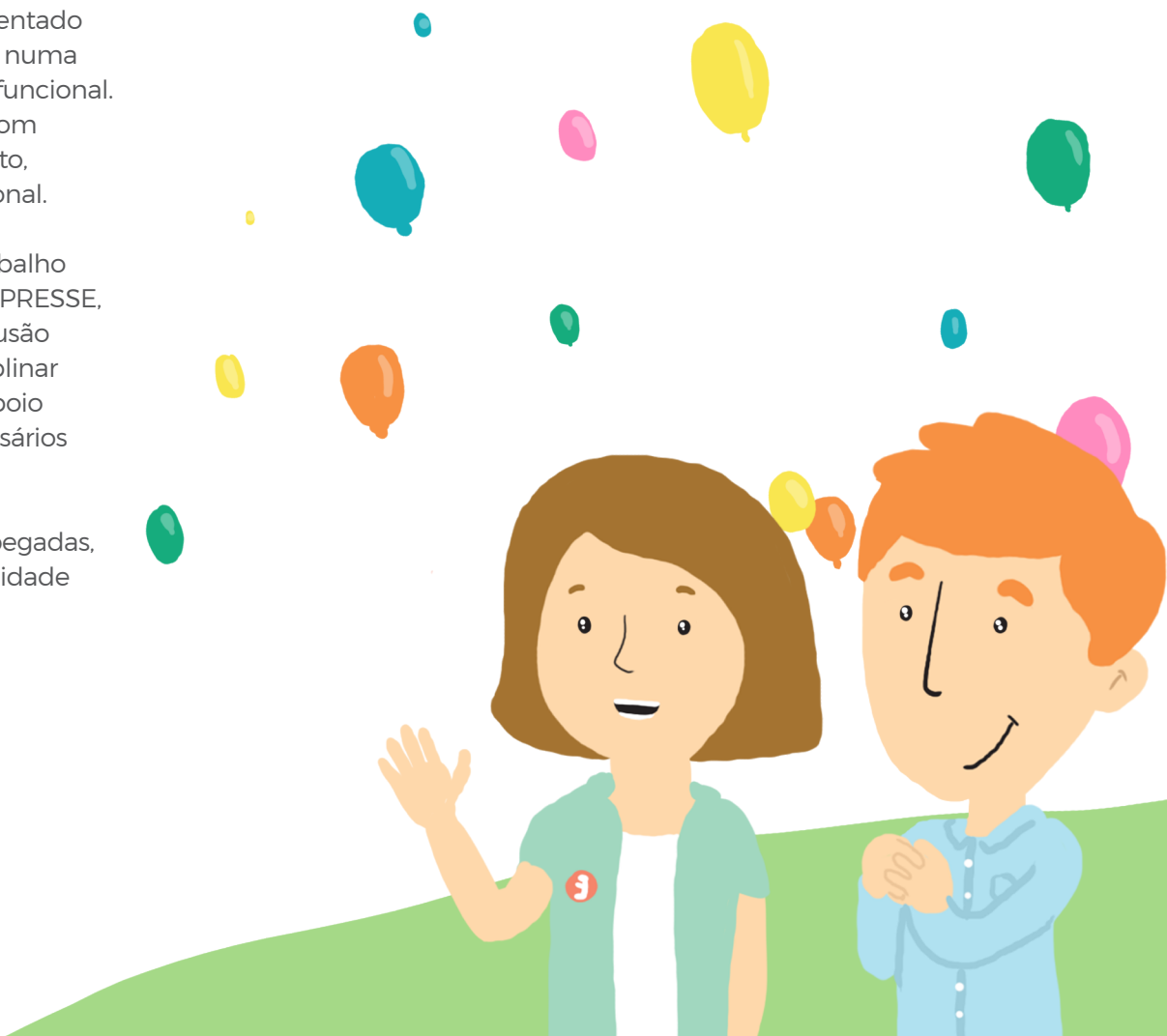
Para isso, serve para caminhar.

Eduardo Galeano

A educação sexual integral, sob a forma de programa estruturado e sustentado apresenta-se como uma das melhores formas de abordar a sexualidade numa perspetiva educativa e inclusiva, integrando alunos(as) com diversidade funcional. Investir na educação da sexualidade ao nível da escola, em articulação com as famílias e a comunidade, é um passo essencial para o empoderamento, autonomia e planeamento da vida de alunos(as) com diversidade funcional.

Este manual foi elaborado com o intuito de servir de instrumento de trabalho aos(às) profissionais das equipas de Saúde Escolar que implementam o PRESSE, ajudando-os(as) a conhecer, compreender e atuar nos contextos de inclusão de alunos(as) com diversidade funcional, sempre numa ação multidisciplinar concertada. Tenta-se desta forma, capacitar profissionais, para darem apoio de forma eficiente sabendo articular com todos os intervenientes necessários neste processo.

Com este presse-book espera-se dar passos na direção certa, deixando pegadas, contribuindo para que cada aluno(a), criança ou adolescente com diversidade funcional, se sinta tão especial, incrível e singular, como são todos(as) os(as) outras(as).



Bibliografia

Este manual contém conteúdos baseados em publicações de organizações e autores abaixo referidos:

ASPACE (2018). Sexualidad y afectividad en las personas con parálisis cerebral.

CERMI (2018). Apuntes sobre sexualidad y discapacidad en el entorno escolar. Una primera aproximación. Cantabria y la Consejería de Educación, Cultura y Deporte del Gobierno de Cantabria

Esmail, Shaniff & Esmail, Yashmina & Munro, Brenda. (2001). Sexuality and Disability: The Role of Health Care Professionals in Providing Options and Alternatives for Couples. *Sexuality and Disability*. 19. 267-282.

Meresman, S. (2012). "Parte de la Vida: Material de apoyo sobre educación sexual y discapacidad para compartir en familia". Programa de Educación Sexual de ANEP CODICEN. UNFPA, UNICEF.

Pacheco, D. & Valência R. (1997). A deficiência mental. In Bautista, R., *Necessidades Educativas Especiais* (pp. 209-223). Lisboa: Dinalivro

Pinheiro, S. (2004). Sexualidade e Deficiência Mental: Revisando Pesquisas. *Psicologia Escolar e Educacional*. 8,199-206.

Ramos, M. L. P. (2005). Sexualidade na diversidade – Atitudes de Pais e Técnicos face à afectividade e sexualidade do Jovem com Deficiência Mental. Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.

WAS (2008) Declaração WAS: Saúde Sexual para o Milénio. Assembleia Geral da WAS: Hong Kong.

Web sites:

www.worldsexology.org

www.unicef.pt

www.unesco.pt

pre⁺ssé-book 2º nível

ESPECIAIS ?!

*Educação Sexual Para Escolas
Com Inclusão de Alunos(as)
Incríveis e Singulares*



ARS NORTE
Administração Regional
de Saúde do Norte, I.P.